

Diversidade, diferença e cultura: conjugações possíveis frente às novas técnicas psicopolíticas de poder.¹

Fábio Ortolano²

Podemos viver juntos? Sem dúvida, de algum modo vivemos juntos, seja em um lar, num bairro, na cidade, num Estado-nação ou em nossa aldeia global. Contudo, juntos de que jeito? Quais os desafios éticos em tempos de recrudescimento da violência? Nos últimos dias assistimos alguns episódios não isolados da brutalidade humana, o assassinato e linchamento do imigrante congolês que foi reivindicar o pagamento por seu trabalho e o linchamento de uma jovem *transvestigênera* em uma escola em Mogi das Cruzes. O presente ensaio traz algumas reflexões a partir da minha *práxis* atuando em coletivos e como docente e multiplicador de formações em diversidade e inclusão.

Para Bauman (2003), uma das marcas da modernidade é a individualização em contraposição à comunidade. O conceito sociológico e comum que temos daquele lugar do aconchego e segurança já não é possível, visto que não existe mais fronteira de quem está dentro ou fora, que possamos nos conhecer e que os limites sejam visíveis ante a sociedade e cultura globalizada. A identidade aparece como alternativa à comunidade em colapso. Sustentam-se em “comunidades-cabides”. A ausência do Estado-Nação na garantia e confiança da segurança, fez com que as pessoas buscassem soluções biográficas para problemas sistêmicos, a exemplo os condomínios fechados. A insegurança tende a transformar o multiculturalismo, a coabitação de múltiplas culturas no mesmo espaço, em multicomunitarismo, grupos fechados em si que pouco dialogam.

Castells (1999) diz que na moderna sociedade de rede, as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, agrupando-se, gerando ao longo do tempo, pertencimento e, em alguns casos, uma identidade cultural. As identidades tornam-se conceitos chaves de disputa de poder. Para ele, há três tipos de Identidades possíveis. A) *Identidade legitimadora*, operada pelas instituições que reforçam sua dominação; B) *Identidade de resistência*, em que se resiste às estruturas e formas de dominação e C) *Identidade de projeto*, na qual se projeta uma posição de futuro. Certamente, nesse contexto de cultura neoliberal que vimos o imperativo da identificação, esta será também uma forma do Capital se reproduzir, gerar mercadorias a serem consumidas, desde cosméticos e adereços corpóreos à formações e formas de investimentos.

¹ Aula palestra ministrada dia 12/02/2022 na formação de Diversidade e Inclusão Social em Direitos Humanos | ODS – Agenda 2030 vinculada à Pró-reitora de Extensão da USP

² Doutor em Psicologia Social e mestre em Mudança Social e Participação Política pela USP; bacharel em Turismo pela UFSCar e educador social pelo SENAC. Docente nas áreas de Desenvolvimento Social e Turismo; foi membro do comitê de Direitos Humanos e Cultura de Paz; multiplicador e representante de Diversidade no SENAC SP. Professor convidado no curso de Gestão da Diversidade da COGEAE - PUC SP. Foi docente convidado no curso de especialização em Psicologia Política da USP, no programa de pós-Graduação em Sustentabilidade e Ambiente da UERGS e no curso de pós-Graduação em Psicologia Organizacional da FECAF. Foi membro fundador do coletivo de estudos e apoio LGBT “Mandala”.

Outra face da individualização e atomização é um comportamento psicopolítico que Costa (1997) nos chama a atenção, o *alheamento* em relação ao Outro. Diante de um projeto de vida e destino individual, enxergamos apenas a nós mesmos, promovendo um conjunto de indiferenças. Para ele, a violência pública revela seu lado privado em três formas de indiferença. A) das classes dirigentes em relação aos marginalizados e excluídos; B) dos marginalizados e excluídos em relação aos privilegiados e C) das elites para com elas próprias. Se o outro não tem importância, eu também não tenho. Se nossa alteridade, a construção do *Eu* e nossa singularidade depende do *Outro* contingente, se este não tem relevância eu também não tenho. Esses processos de indiferença e alheamento se constituem pela desconstrução de seu valor moral.

Essa desconstrução moral se dá de diferentes formas, por meio de apagamentos, desconhecimento, aversão e outras reações. A atriz, poetisa e escritora Elisa Lucinda, em entrevista ao Itaú Cultural - Diálogos Ausentes – em 2017, diz de uma invisibilidade do povo negro como pessoas racializadas. Em suas palavras, não notamos a ausência de negros em determinados espaços ou até mesmo os homogeneizamos, confundimos, pois os vemos como um bloco. Completa que se há territorialidade, tem *apartheid*.

Assim, nos perguntamos: que outras formas de apagamento e desconstrução moral você nota no cotidiano? Certamente de grupos em vulnerabilidade, destituídos de direitos, fora dos espaços de poder e prestígio social. A exemplo, negros; lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, *queers*, intersexos, assexuais; mulheres; indígenas; imigrantes e refugiados; defensores da terra; trabalhadores do campo etc.

Ao pensar nessa diversidade que nos constitui como sociedade, devemos reforçar o princípio da reciprocidade, tal qual defendem grandes líderes em defesa dos direitos humanos, Zumbi dos Palmares, Martin Luther King, Madre Tereza, Malala, Maria da Penha, Chico Mendes, Mahatma Gandhi, Marielle Franco, Mandela, Greta Thunberg, dentre outros. Lembrando que embora sejam exemplos, todos nós somos corresponsáveis pela afirmação dos direitos humanos.

Alguns autores como Norberto Bobbio, Flávia Piovesan e Celso Lafer têm mostrado que os Direitos Humanos são históricos e processuais, estão em constante aprimoramento, são universais, têm como finalidade a garantia da paz e a dignidade da pessoa humana e sustentam-se na democracia, no contratualismo e na interdependência dos direitos. Para Bauman (2003), os Direitos Humanos são obtidos por lutas coletivas e garantidos coletivamente.

Lutas são necessárias. Não são apenas resistências, são também afirmação; são contraposições estéticas, linguísticas, morais; são afetividades e memórias; são materiais e simbólicas; são individuais e coletivas. Que lutas você identifica na atualidade? Vamos pensar juntos em algumas.

- **Movimento Negro:** ensina que povos racializados foram submetidos a um sistema de opressão, portanto é necessário o reconhecimento das diferenças para garantia de direitos.
- **Movimento Feminista:** mostra que o gênero é uma construção social que justifica a desigualdade e a subordinação, é fruto de um processo histórico e está associado a uma lógica econômica e social de produção.
- **Movimento LGBTQIA+:** nos provoca que nosso corpo a nós pertence e que novas possibilidades biográficas podem aparecer como legítimas. Denuncia que o corpo é uma realidade biopolítica de controle.
- **Movimento PCD:** conta que ao longo da história diversas discursividades os marginalizaram e excluíram, apagando suas histórias ou desumanizando, seja a busca do corpo perfeito na Antiguidade; o estigma de pecado ou caridade na Idade Média; a falta e problema para medicina científica moderna. Reivindicam a paridade participativa.
- **Movimento operário:** nos chama a atenção contra alienação e pela consciência de classe; a luta coletiva em prol do bem comum; o reconhecimento de antagonistas.
- **Movimento ambientalista:** ensina que também somos a natureza e que o modo de produção tal qual tem operado nos condenará pela destruição do meio em que vivemos.
- **Movimento dos Sem Terra e Movimento dos Trabalhadores Sem Teto:** denuncia que cada parcela da terra é de um Estado ou particular, um roubo social.
- **Multiculturalismo religioso:** a hegemonia religiosa é uma forma de aculturação e violência. O diálogo inter-religioso prevê a coabitação de culturas plurais no mesmo espaço.

Assim, observamos que os Direitos Humanos, em seu processo de aperfeiçoamento, devem incorporar novas pautas. Gorender (2004) defende a incorporar o enfoque de gênero e raça. Acrescento as reivindicações acerca das sexualidades e gêneros dissidentes; de pessoas com deficiência; contra a hegemonia religiosa e territorial. O autor também propõe incluir a pauta social de direitos humanos na agenda das instituições financeiras e reforçar a responsabilidade do Estado na garantia dos direitos.

Postas essas observações e as lutas que identificamos, nota-se uma questão: se os direitos humanos são universais, devemos ser tratados como iguais ou diferentes? Certamente as duas coisas: iguais em dignidade, oportunidade e acesso aos direitos; diferentes, quando nossas singularidades forem marcadores de desigualdade.

Fraser (2007) aponta que forças da política progressista se dividem em dois campos: redistribuição e reconhecimento, ou seja, a política da igualdade e política da diferença. Para ela, a justiça requer tanto redistribuição (igualdade social) quanto reconhecimento (da diferença). Nenhum deles sozinho é suficiente. A autora nos convida a refletir que o modelo de identidade é limitado para responder a essas políticas, pois tende a promover separatismo e a enclausurar os grupos, ao invés de fomentar interações entre eles. Sua proposta é que o reconhecimento seja uma questão de status social, sua paridade participativa por meio da análise dos padrões culturais.

Assim, não se limitando à Identidade, podemos olhar a diferença como uma categoria de análise junto à cultura. Para Brah (2006), a diferença como categoria analítica, pode ser conceituada de distintas maneiras. A) diferença como identidade; b) diferença como experiência - "o pessoal é político"; c) diferença como relação social - articulação micro-macro do poder; D) diferença como subjetividade – esta como processo, o sujeito é produzido no discurso.

Certamente essas diferenças em interação com a cultura, produzirão as múltiplas diversidades que nos constituem. Alinhamo-nos as ideias de Caldas (2008), que pensa a cultura como tudo aquilo que a humanidade produz; modo de vida, padrões de comportamento, linguagem, condutas e sistema de crenças característicos de uma sociedade, agindo como se fosse um sistema de comunicação por códigos. Para ele, na cultura moderna globalizada, que observamos nesse ensaio, a cultura é um fenômeno que se dá de cima para baixo, em que passamos a consumir um modelo de cultura comercial, uma cultura pasteurizada. Assim, por exemplo, nota-se que é mais fácil ver alguém de boné da *Nike* do que um chapéu de palha na Avenida Paulista, em São Paulo.

Refletindo na cultura que nos atravessa e nós reforçamos no cotidiano, recorro ao filme “Terra de José Ninguém”, parte da exposição “Pequena Ecologia da Imagem”, de Rosângela Rennó, exposta no Memorial da Resistência – Estação Pina, em São Paulo. Algumas cenas retratam nosso cotidiano por meio de imagens em colagem. Os smartphones como veículo de informação, divulgação e construção de si, ao mesmo tempo, um dispositivo de desejo, acesso, mas também controle. Um sujeito que abstrai apenas a informação idêntica ao que está escrito – será a ausência de tempo para a construção de uma consciência crítica? Mobilizações políticas que falseiam – assim como as imagens – a realidade. Seja um pato colocado pela confederação da indústria como protesto “não pagaremos o pato” apenas quando é politicamente oportuno ou as reivindicações que parecem reforçar um clichê a ser visibilizado nas redes sociais.

Diante desse conjunto de imagens que disputam a nossa compreensão da realidade e de nós mesmos, a questão que fica é: que ideias e narrativas temos difundido contra nosso "cativo mental"? “Anos e anos se passaram, escravidão cultural continua (...)” – provoca a banda de reggae, Tio Zé Bá. Até quando contaremos apenas a versão do sujeito universal; homem branco, hétero, cisgênero, fisicamente e mentalmente em conformidade com as expectativas sociais, performativo de uma estética e comportamento das elites, rico e/ou burguês, praticante de religiões hegemônicas?

Alguns temas são necessários para essa reflexão crítica. A branquitude e os métodos históricos de racialização de outros povos; os processos de aculturação; a *cis-hétero* normatividade; o patriarcado; o mito da normalidade e do corpo saudável; a juventude como ideal etc. Não apenas essas questões que tocam às identidades, mas também outros tópicos, como o totalitarismo mercantil; a apropriação do espaço para especulação; o consumo irresponsável, o acúmulo de capital e concentração de renda; a hegemonia cultural; a hegemonia religiosa e o projeto de vida e destino individual. Posto isso, nota-se que viver junto pressupõe compor vozes plurais e olhar de maneira crítica diversas camadas que tecem as estruturas de poder e organização social.

Um exercício que vejo acontecer nesse sentido é a difusão de narrativas dissidentes, que muitas vezes são apagadas da história oficial ou de nossa atenção no cotidiano. Conhecer quilombos urbanos, reconhecer lugares de memória de resistência e também afirmação, tal como na Jornada do Patrimônio ocorrida em 2021, organizada pelo Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo, em que se produziu circuitos de memória negra, indígena, LGBTQIA+ etc. Precisamos também incorporar novas lentes, racionalidades e processos civilizatórios. Azoilda Loretto da Trindade aponta os valores civilizatórios afro-brasileiros, que podem ser um dos caminhos, como a oralidade; a circularidade; a corporeidade; a musicalidade; a ludicidade; a cooperatividade, dentre outros.

Institucionalização das pautas de Diversidade & Inclusão e os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável

As instituições por congregarem um corpo coletivo é um espaço de exercício político e afirmação de valores civilizatórios. Elas são frutos de decisões internas e influências externas, são campos de disputas e, quem sabe, de transformação social. Para tanto, é preciso que tenha seus valores e políticas instituídos entre aqueles que dela participam.

As pautas da diversidade e inclusão estão em diversas discursividades e movida por múltiplos agentes, mas não se limitam às institucionalidades, elas precisam afetar as estruturas. Não é um ato revolucionário, mas sim uma possibilidade de reconhecimento das diferenças e reparação histórica. Entendo que sua dimensão estratégica deve ser pautada a partir de uma pedagogia crítica, na qual as institucionalidades tenham contingência na cultura com vistas a afetar o todo tecido social.

Para o reconhecimento das diferenças, alguma categoria de diferenciação precisa ser investigada. Tenho notado que as instituições têm priorizado a *diferença como identidade*. Nesse sentido, vale identificarmos os sinais das violências intrínsecas a essa categoria. Para tanto, trago quatro exemplos, o racismo; a misoginia, a LGBTQIA+fobia e o capacitismo, divididos em três dimensões que operam, nas relações interpessoais, nas instituições e na estrutura social.

Quanto ao racismo, na **dimensão interpessoal**, notamos: não vínculos de afeto com pessoas racializadas; sexualizar, objetificar o corpo negro; invisibilizar a história de pessoas racializadas. Na **dimensão institucional**, observa-se como exemplos: dar menos anestésicos em pessoas negras; abordagens mais violentas; negligência científica, profissional e tecnológica. Na **dimensão estrutural**, identifica-se a evasão escolar; a população negra mais acometida pela pandemia de Covid-19 e o menor número de pessoas negras na academia, sobretudo em áreas de prestígio social.

Sobre misoginia, observamos na **dimensão interpessoal**, a interrupção de uma mulher quando fala, pressupor sua ignorância; sexualizar e objetificar o corpo feminino; agredir moralmente, psicologicamente e fisicamente. Na **dimensão institucional**, nota-se como exemplos o menor número de mulheres em cargos de chefia; propagandas machistas e misóginas e a violência obstétrica. Na **dimensão estrutural**, a sub-representação nas casas legislativas; o feminicídio; menor renda em relação aos homens e mais tempo dedicado às tarefas domésticas.

Já a LGBTQIA+fobia, como **dimensão interpessoal**, percebemos o afastamento e falta de proximidade às pessoas de sexualidades e gêneros dissidentes dos padrões normativos; reforçar estigmas por meio de piadas e deslegitimar famílias homoafetivas. Na **dimensão institucional**, observa-se a discriminação de pessoas LGBTQIA+ em estabelecimentos comerciais e no atendimento ao público; diferentes formas de tratamento e oportunidades em processos seletivos e a não promoção de carreira e disponibilidade para cargos de chefia. Na **dimensão estrutural**, nota-se como exemplos poucos LGBTQIA+ em espaços de liderança e prestígio social; a exclusão de pessoas LGBTQIA+ de casa e da escola; as restrições na carreira profissional e a maior probabilidade de desenvolver problemas psicológicos em decorrência do preconceito estrutural.

O capacitismo também opera em todas as dimensões. Na **interpessoal**, vemos a desumanização, seja tratando como coitados ou heróis; tratar com indiferença, não respeitar a prioridade em espaços comuns. Na **dimensão institucional**, não acessibilizar o serviço que presta; não cumprir a Lei de Cotas e não garantir o encareiramento de pessoas com deficiência. Na **dimensão estrutural**, observamos a invisibilidade; políticas públicas negligenciadas e baixa paridade participativa nos espaços sociais.

A fim de responder essas e outras formas de preconceito e discriminação, proponho que seja importante, dentre outras ações, difundir os valores afrocivilizatórios; promover o protagonismo das minorias sociais e a descentralização dos saberes; problematizar a hegemonia e o fundamentalismo religioso; possibilitar a convivência de diferentes corpos; reconhecer as múltiplas biografias e existências LGBTQIA+; reconhecer a psicopolítica neoliberal e as novas técnicas de poder; letramento anti-racista, anti-misógino, LGBT+fóbico e anti-capacitista; promover o diálogo inter-geracional e ações anti-etarismo.

Precisamos, por fim, tensionar a meritocracia e reconhecer os múltiplos percursos sociais frutos de diferentes camadas e categorias de diferenciação. Construir a diversidade e a inclusão como um valor. E pensar nisso à luz dos objetivos do desenvolvimento sustentável, considera-se algumas reflexões.

- Erradicação da pobreza: Políticas de transferência de renda; taxação de fortunas;
- Saúde e bem-estar: Políticas de saúde das mulheres, negros, LGBTQIA+;
- Educação de qualidade: outras epistemologias, educação antirracista;
- Igualdade de gênero: equidade em status social;
- Redução das desigualdades: políticas afirmativas, questionar a racionalidade neoliberal e precarização das condições de trabalho;
- Paz, justiça e instituições eficazes: acionar poderes instituídos para garantia dos deveres do Estado;
- Parcerias e redes: projetos de desenvolvimento local; parcerias para construção de ambientes acolhedores.

Como etapas de implantação, nota-se alguns passos, a ser pontuado a seguir.

- A) Identificação de equipes, setores e líderes.
- B) Capacitação das equipes, grupos de afinidades e lideranças.
- C) Conhecer sua empresa e cultura - Censo Institucional.
- D) Diagnóstico, análise e revisão dos documentos institucionais.
- E) Estabelecimento de metas e prazos, priorização de temáticas e pilares.
- F) Sensibilização, multiplicação e interfaces.
- G) Análise dos resultados, avaliação das metas e novo planejamento.

Por fim, colocamos algumas provocações frente às novas técnicas psicopolíticas de poder do neoliberalismo. Este regime de ordenamento econômico e social que evidencia a diminuição do Estado e a individualização da responsabilização pelo futuro, faz com que as pessoas se institucionalizam para resolução de pautas coletivas, quando na verdade deveriam cobrar que as instituições assumissem sua responsabilidade e evocassem que o Estado garantisse o interesse comum.

Para Debord (1997), toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos, representação da realidade. O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens. Isso revela algumas contradições, quando por exemplo, uma mesma instituição institui uma política afirmativa que contrata pessoas racializadas, mas ao mesmo tempo precariza as condições de trabalho e os direitos trabalhistas para um estrato social que majoritariamente é composto por pessoas racializadas.

Para Han (2018), a psicopolítica neoliberal é dominada pela positividade. Em vez de usar ameaças negativas, ela trabalha com estímulos positivos. A psicopolítica neoliberal é uma política inteligente que busca agradar ao invés de oprimir. O consumo não se reprime, só se maximiza. Assim, observa-se que a diversidade e inclusão se tornou mais um argumento para reprodução do capital, com vistas a garantir o pertencimento identitário. Não quer dizer que as ações nesse campo são desnecessárias ou descartáveis, contudo, a consciência crítica se faz necessário, pois talvez estejamos sendo cooptados.

É gerada não uma escassez, mas uma abundância, um excesso de positividade. A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré-reflexivo. E no final nas contas, ainda que algumas identidades tenham sido incluídas e talvez representadas, no fim das contas, só será instituído paridade de mulheres dóceis, LGBTQIA+ com passabilidade, pessoas racializadas assimilacionistas e pessoas com deficiência tuteladas.



Referências

- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu [online]. 2006.
- CALDAS, Waldenyr. Cultura. São Paulo: Global, 2008.
- CASTELLS, Manuel. O poder da Identidade (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2). São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. A Ética Democrática e seus Inimigos: o lado privado da violência pública. Em: NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. Ética (seleção de textos). Rio de Janeiro/Brasília. Garamond/Codeplan, 1997.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 102, p. 85-102, 1997.
- FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? Lua Nova, São Paulo, n.70. 2007. p. 101-138.
- GORENDER, Jacob. Direitos Humanos: o que são (ou devem ser). São Paulo: editora Senac São Paulo, 2004.
- HAN, Byung-chul. Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: editora Âyiné, 2018.